

ESTUDO TOPONÍMICO DO CENTRO COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA-BA: A MOTIVAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS

Daniela Betânia dos Santos Ferreira (UEFS)

daniela.libras@hotmail.com

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

lilianebarreiros@uefs.br

RESUMO

Ao fazer uma interface entre o Português e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), percebe-se que por se tratar de línguas com modalidades distintas e independentes, sendo o Português uma língua oral-auditiva e a Libras uma língua viso-espacial, a maioria dos surdos enfrentam obstáculos para identificar nomes de ruas e avenidas, localizadas, principalmente, no centro Comercial de Feira de Santana-BA. Dessa forma, apresenta-se, neste trabalho, uma análise preliminar das motivações para as nomeações e sinalizações das ruas do centro comercial de Feira de Santana, levando em consideração as influências sócio-históricas e as interfaces entre a Língua Portuguesa e a Libras nesse processo. O *corpus* foi delimitado a partir de dados coletados na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Feira de Santana (SEDUR), na Secretaria Municipal de Trabalho, Turismo e Desenvolvimento Econômico (SETTDEC) e na Associação de Surdos de Feira de Santana. A análise proposta está fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia Moderna (BIDERMAN, 1981; 1984; 1998; 2001; HAENSCH, 1982; WERNER, 1982; VILELA, 1983; 1995; PORTO DAPENA, 2002; BARREIROS, L., 2017), dos estudos toponímicos (DAUZAT, 1926; DICK, 1980; 1990; 1992; 1998; SEABRA, 2004; 2006, SOUSA, 2018) e dos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (FELIPE, 1983; 1997; 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2006; 2009; QUADROS, 2004; SOUZA JR., 2012; STROBEL, 2008; 2009) entre outros. Acredita-se que o estudo toponímico das ruas e avenidas do centro comercial de Feira de Santana contribuirão para os estudos linguísticos da Língua Portuguesa e da Libras na Bahia e possibilitarão o desenvolvimento do léxico dos surdos, usuários da língua de sinais, facilitando o processo de localização geográfica e oportunizando o acesso as informações históricas e culturais dos locais estudados.

Palavras-chave:

Libras. Toponímia. Feira de Santana. Língua Portuguesa.

1. Introdução

Historicamente, o centro comercial de Feira de Santana-BA sempre foi o pilar de sustentação, responsável por grande parte do desenvolvimento econômico e populacional do município. A princípio, era uma feira livre para trocas e vendas de mercadorias, organizada para atender à dinâmica comercial dos viajantes, mas, aos poucos, foram surgindo outras formas de comércio, dentre elas a feira de gado. Esta, por sua vez,

impulsionou o crescimento econômico e o surgimento da cidade, visto que, gradualmente, passou a circular um grande número de pessoas e todo tipo de mercadoria.

Com o decorrer do tempo, o comércio foi se expandindo. As residências situadas nas ruas e avenidas largas, localizadas no Centro da cidade, como a antiga Rua Direita, atual Conselheiro Franco, Rua do Meio, hoje a separação da Marechal e Sales Barbosa, Avenida Senhor dos Passos, Rua de Aurora, perderam espaço gradativamente para o centro comercial pujante que ali se instalou. Atrelado a esse crescimento econômico está o populacional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa realizada em 2017, Feira de Santana possui 627.477 habitantes.

Em contrapartida, as políticas assistencialistas custaram a ter algum sinal de progresso. A população surda, por exemplo, sempre foi desassistida. O primeiro espaço educacional que acolheu alunos com perda auditiva em Feira de Santana foi a Escola Alberto Alencar, criada em 1977, quase cem anos após a fundação da cidade. Alguns anos depois, com o apoio de familiares de surdos, principalmente as mães, em 1990, foi fundada a Associação Filantrópica de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (AFADA), onde funcionava uma escola especial que atendia surdos do município e cidades circunvizinhas. Até 1992, priorizava-se o oralismo, proibindo o uso da língua de sinais.

Ao longo dos anos, pouco se conquistou e, mesmo com o uso da língua de sinais, ainda se percebe uma grande dificuldade de comunicação e circulação dos surdos em espaços públicos. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise preliminar das motivações toponímicas em Libras do centro comercial de Feira de Santana. O estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA, justifica-se pelo fato de ainda não existir uma pesquisa que auxilie no entendimento da nomeação em Língua Portuguesa deste espaço geográfico, considerando os aspectos históricos da cultura local, assim como pela carência de pesquisas que apresentem sinais em Libras equivalentes para ruas e avenidas da cidade. Diante deste contexto, faz-se necessário um levantamento para detectar os sinais usados pela comunidade surda e identificar os locais que ainda não possuem um léxico específico, evidenciando a necessidade de nomeação destes espaços.

Nesta perspectiva, este trabalho parte de uma investigação preliminar, realizada no grupo de pesquisa *Estudo bilingue da toponímia de*

Feira de Santana-BA: Português-Libras (CONSEPE UEFS 044/2018), que posteriormente transformou-se no projeto de dissertação intitulado *Estudo Toponímico Português-Libras do Centro Comercial de Feira de Santana-BA*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS), com o intuito de resgatar aspectos históricos, culturais e sociais dos feirenses, em especial da comunidade surda.

A pesquisa proposta será fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia Moderna (BIDERMAN, 1981; 1984; 1998; 2001; HAENSCH, 1982; WERNER, 1982; VILELA, 1983; 1995; PORTO DAPENA, 2002; BARREIROS, L., 2017), dos estudos toponímicos (DAUZAT, 1926; DICK, 1990; 1992; SEABRA, 2004; 2006, SOUSA, 2018) e dos estudos linguísticos da Libras (FELIPE, 1983; 1997; 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2006; 2009; QUADROS, 2004; SOUZA JR., 2012; STROBEL, 2008; 2009).

2. *A comunidade surda em Feira de Santana-BA*

Conhecida popularmente como a Princesa do Sertão, a cidade de Feira de Santana, fundada em 1873, teve a sua origem no antigo Alto da Boa Vista da Fazenda Santana dos Olhos D'água. Sua posição geográfica privilegiada, onde está localizado um dos maiores entroncamentos rodoviários do país, colaborou para seu intenso crescimento, tornando-a o principal centro urbano do interior do estado da Bahia e um dos mais importantes do Norte-Nordeste. Atualmente, vem apresentando grandes avanços na área educacional, tecnológica, econômica, imobiliária, financeira, administrativa, destacando-se, principalmente, no campo industrial e comercial como maiores fontes de emprego e renda.

Ao longo das últimas décadas o movimento surdo espalhou-se pelo país, fazendo com que a luta pelos direitos linguísticos ganhasse maior expressividade, resultando na criação de novas políticas públicas que contemplam o Povo Surdo. Este grupo minoritário passou a ganhar visibilidade, o que vem fortalecendo o reconhecimento linguístico da Libras como língua natural da comunidade surda, viabilizando o reconhecimento do “Ser Surdo” como cidadão, tornando possível a inclusão em todas as esferas da sociedade.

No Brasil, as análises linguísticas sobre a Língua Brasileira de Sinais tiveram início na década de 1980 e foram sustentadas nas pesquisas realizadas com a *American Sign Language*, que resultou no reconheci-

mento da Libras como língua oficial do país, através da Lei 10.436 em 24 de abril de 2002. Este reconhecimento ajudou na disseminação da Libras pelos estados e municípios brasileiros, inclusive na cidade de Feira de Santana, que viabilizou a valorização da comunidade surda da localidade principalmente no âmbito educacional.

Segundo Skliar (2013), as escolas precisam respeitar as aspirações das comunidades. Em Feira de Santana, com o passar dos anos, a AFA-DA tornou-se uma referência como instituição, pois contribuiu no processo de disseminação da Libras no município, visto que o uso da língua de sinais nesse espaço entre os surdos, seus familiares, professores, intérpretes e demais componentes favoreceu o desenvolvimento da língua, consolidando a Comunidade Surda Feirense. Sobre a comunidade surda, Strobel (2009) afirma que:

A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que há sempre sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser a associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (STROBEL, 2009, p. 11)

A luta da comunidade surda resultou em grandes conquistas, como a implantação do uso da Libras, como língua oficial no Município, através da Lei Municipal nº 164 de 1 de fevereiro de 2005, o reconhecimento da profissão do intérprete de língua de sinais pela criação da Lei 2608, de 29 de agosto de 2005, a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras nos espaços públicos de atendimento coletivo pela Lei 3000 de, 19 de maio de 2009, dentre outras políticas que tem viabilizado a inclusão social e educacional dos surdos.

Com o avanço das conquistas e das militâncias surdas na região, a cidade tornou acessível novos espaços que contribuíram e ainda contribuem para o fortalecimento linguístico, educacional e cultural do povo surdo. Em destaque, o Centro de Apoio Pedagógico (CAP), o Instituto de Educação Gastão Guimarães, a Escola Municipal Joselito Amorim, o Centro Educacional Agostinho Froes da Mota, a Associação Mãos que Sonham e a Pastoral dos Surdos. No entanto, os surdos passaram a almejar a criação de uma associação própria, que, segundo Strobel (2008), é um dos lugares mais apropriados para dar “voz” ao Povo Surdo:

Uma associação de surdos surge em função de reunir sujeitos surdos que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns, assim como os costumes, as histórias, as tradições em comuns, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria ou alugada, ou cedida pelo governo e outros espaços físicos. (STROBEL, 2008, p. 11)

Depois da criação da Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS) por um grupo de pesquisadores surdos em 2008, os surdos passaram a pleitear uma sede própria, com espaço estruturado para encontros e organização de seus eventos. Após grande empenho, em 6 de agosto de 2015, representantes da prefeitura municipal, durante reunião com os associados, no prédio do Arcebispado, local onde eles estavam acomodados anteriormente, anunciaram a entrega de uma nova sede no bairro Kalilândia que agora seria permanente.

Apesar do fortalecimento linguístico contínuo, ainda há uma grande defasagem no que diz respeito à escolarização da pessoa surda. Com a criação das políticas governamentais que investem na inclusão, os surdos têm conseguido conquistar cada vez mais espaços que priorizam o seu desenvolvimento educacional, visto que, apesar do reconhecimento da língua de sinais como primeira língua (L1) dos surdos, a Lei 10.436 torna claro em seu parágrafo único que isso não pode substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua (L2), tornando assim os surdos brasileiros usuários da Libras indivíduos bilíngues e biculturais.

Ao fazer uma interface entre o Português e a Libras, percebe-se que, por se tratar de línguas com modalidades distintas e independentes, o Português como uma língua oral-auditiva e a Libras como uma língua viso-espacial, a aprendizagem plena da L2 fica condicionada à aquisição da L1 como língua natural. Contudo, por diversos fatores como, aprendizagem tardia da L1, metodologia inadequada de ensino, falta de profissionais qualificados, dentre outras questões, inviabilizam a assimilação plena da Língua Portuguesa.

Nestas condições, decorrentes da carência na aprendizagem da L2, nota-se que a maioria dos surdos feirenses enfrenta obstáculos para identificar nomes de ruas, avenidas e praças, localizadas, principalmente, no centro comercial de Feira de Santana. Diante de tais averiguações preliminares, cientes da importância do centro comercial para a cidade, torna-se imprescindível um estudo exploratório que seja capaz de detectar quais as motivações das nomeações e sinalizações nas ruas do centro comercial de Feira de Santana, levando em consideração as influências sócio-históricas e as interfaces entre a Língua Portuguesa e a Libras nesse processo. Para tal investigação, faz-se necessário um estudo do léxico toponímico Português-Libras para a identificação, registro e realização de um estudo comparativo entre as línguas envolvidas.

Ao iniciar esta pesquisa, levou-se em consideração toda uma história de lutas e conquistas, buscando ressaltar a importância de um estudo Onomástico que tem o intuito de auxiliar a Comunidade Surda de Feira de Santana em seu desenvolvimento linguístico e cultural.

3. Os estudos toponímicos

Desde os relatos bíblicos da antiguidade até os tempos atuais, pode-se perceber que para dar significado ao mundo, o ser humano dá nome a tudo que está a sua volta e através das palavras o homem consegue transmitir conceitos concretos e abstratos, com a intensão de transferir sentido para as coisas. Segundo Biderman (2001, p. 13), “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primária no processo científico do espírito humano de conhecimento do mundo”. Nesta perspectiva, o léxico das línguas naturais foi gerado e vem ganhando grande destaque principalmente nos estudos acadêmicos.

Para Barreiros (2017, p. 16), “o léxico de uma língua constitui-se num inventário aberto, mutável, que representa a visão de mundo e a cultura do povo que o usa”. Assim, o léxico de uma língua expressa características identitárias do sujeito e da comunidade que ele faz parte, expressando o sentido das suas ideias, sendo visto como um patrimônio cultural.

A Lexicologia é o campo de estudos responsável pela investigação do léxico de uma determinada língua. Já a Onomástica, ramificação deste campo de estudo, é a área da linguística responsável em pesquisar os nomes próprios de seres e de acidentes geográficos humanos e físicos. Estes campos de investigações levam o nome de Toponímia e Antroponímia. De acordo com Seabra (2004):

A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo; a Antroponímia e a Toponímia – ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; [...] Já a Toponímia se integra à Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. (SEABRA 2004, p. 36)

Quando se conhece o nome das localidades, nem sempre é possível compreender o motivo da escolha. A disciplina que se baseia para o desenvolvimento da análise é a Toponímia que nos últimos anos vem se

disseminando em diversas regiões do Brasil. Para Rostaing (1961), a Toponímia é a ciência responsável em identificar os nomes, sua origem e transformações. Nabais (2008), por sua vez, afirma que:

A toponímia define-se como o estudo dos nomes próprios de lugares habitados ou não e de sítios, países, ruas e caminhos ou a designação das localidades pelos seus nomes, e o estudo linguístico ou histórico da origem dos nomes das localidades. (NABAIS, 2008, p. 5)

Embora ainda se apresente de maneira muito tímida em nossa sociedade, os estudos toponímicos têm ganhado destaque após o entendimento de que é uma área rica, com grandes possibilidades de pesquisas, uma vez que, somente com uma investigação cuidadosa, é possível compreender o valor histórico, linguístico e cultural que um nome de uma determinada localidade tem.

Em nosso país, embasado nas teorias do europeu Dauzat, Carlos Drumond iniciou os estudos sistematizados da toponímia brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, fazendo com que a Toponímia deixasse de ser vista como algo irrelevante, passando a se criar estratégias de desenvolvimento metodológico para examinar este campo linguístico. Em seguida, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, precursora de Drumond, aprofundou e expandiu os estudos toponímicos, tornando-se uma das principais referências teóricas desta disciplina no Brasil. A pesquisadora criou um modelo de ficha lexicográfico-toponímica que viabilizou a sistematização, tornando possível registrar de maneira organizada os dados descobertos.

Dick propôs 27 modelos taxonômicos que tem sido adotado por diversos pesquisadores para ajudar no processo de categorização dos diferentes tipos de topônimos existentes. Seabra e Isquierdo (2018), no artigo *A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas*, mostram o crescimento das pesquisas desenvolvidas por linguistas de diferentes universidades brasileiras neste viés e dimensionam o quão importante foi a metodologia criada.

Com isso, a Toponímia tem se apresentado em contextos multidisciplinares, relacionando áreas distintas como: Linguística, Geografia, História, Arqueologia, Cartografia, entre outras, trazendo maior visibilidade para os estudos lexicais.

4. Metodologia de análise bilingue

Até o presente momento, foram identificadas pelo CEP 55 ruas e avenidas que compreendem o bairro Centro de Feira de Santana. Em seguida, esses dados foram confrontados com três mapas físicos e com a ferramenta *Google Maps*. A saber:

1	Avenida Getúlio Vargas	29	Rua Conselheiro Franco
2	Avenida Olimpo Vital Constant	30	Rua Conselheiro Rui Barbosa
3	Avenida Presidente Dutra	31	Rua Coronel João Mendes
4	Avenida Sampaio	32	Rua da Misericórdia
5	Avenida Senhor dos Passos	33	Rua Deputado Melo D.
6	Rua 10 de Julho	34	Rua Desembargador Felinto Bastos
7	Rua 13 de Novembro	35	Rua Dom João VI
8	Rua 18 de Setembro	36	Rua Dr. Antonio Borges
9	Rua 24 de Maio	37	Rua Dr. Olimpo Vital
10	Rua 7 de Setembro	38	Rua General Câmara
11	Rua Alvares Simões	39	Rua General Ozório
12	Rua Amílton Cohim	40	Rua General Pedra
13	Rua Artur Carneiro	41	Rua Herminiano Santos
14	Rua Barão de Cotegipe	42	Rua Independência
15	Rua Barão de Mauá	43	Rua Intendente Freitas
16	Rua Barão do Rio Branco	44	Rua Intendente Rui
17	Rua Carlos Homes	45	Rua José Joaquim Seabra
18	Rua Carlos Valadares	46	Rua Juvêncio Erudito
19	Rua Comendador Targino	47	Rua Leandro Borges
20	Rua Leonardo Pereira Bastos	48	Rua Maceió
21	Rua Libero Moraes	49	Rua Mané Vitorino
22	Rua Manoel Martins de Azevedo	50	Rua Marechal Floriano Peixoto
23	Rua Marechal Deodoro	51	Rua Miguel Ribeiro
24	Rua Porto Velho	52	Rua São José
25	Rua Recife	53	Rua São José
26	Rua Sales Barbosa	54	Rua Tertuliano Carneiro
27	Rua Santa Rita	55	Rua Visconde de Barbacena
28	Rua Santos Dumont		

Posteriormente, esse levantamento prévio será confrontado com os dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Feira de Santana. Vale ressaltar que não foram incluídas as praças e as vilas que fazem parte do centro comercial devido a necessidade de delimitação do *corpus* para a análise. Contudo, poderão ser analisadas em pesquisas futuras.

As 55 ruas inventariadas fazem parte de um projeto de dissertação que adotará um modelo de ficha lexicográfico-toponímica que permite a

sistematização dos dados coletados referentes à origem, à formação linguística, à intencionalidade, à motivação, aos aspectos históricos, culturais e sociais que influenciaram a criação dos nomes dos espaços investigados em Língua Portuguesa e em Libras, inclusive com a inserção de imagens dos sinais. Para classificar esses topônimos será utilizado o modelo taxionômico proposto por Dick (1992) e adaptado por Isquierdo (1996), Lima (1997), Francisquini (1998) e a sugestão de uma nova taxonomia proposta por Souza Jr. (2012), que auxiliará na análise bilíngue das ruas e avenidas do centro comercial da cidade.

Figura 1 – Modelo da ficha lexicográfico-toponímica

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA	
Estudo Toponímico Português-Libras do Centro Comercial de Feira de Santana-BA	
TOPÔNIMO:	LOCALIZAÇÃO:
TIPO DE ACIDENTE:	
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA EM LP:	
ETIMOLOGIA:	
HISTÓRICO/ INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
FOTO DA LOCALIDADE:	FOTO DA PLACA:
SINAL EM LIBRAS:	
CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA PARA O TOPÔNIMO EM LIBRAS:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
CONTEXTO:	
FONTES:	

Fonte: Projeto de pesquisa “Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS 044/2018).

Os elementos que, inicialmente, irão compor a ficha lexicográfico-toponímica são:

- Topônimo – vocábulo que designa o nome de um lugar ou acidente geográfico, presente no objeto de pesquisa;
- Localização – indica o município que o topônimo está localizado;
- Tipo de acidente – indica se o topônimo denomina acidente humano ou acidente físico;
- Classificação Taxionômica em Língua Portuguesa – nomenclatura com base nas causas motivacionais que nomeiam os topônimos. A

classificação dos topônimos, nas fichas, seguirá o modelo taxionômico proposto por Dick (1992);

- Etimologia – apresenta o étimo, ou seja, a origem do topônimo;
- Histórico/Informações enciclopédicas – registram as informações acerca da história e de outros aspectos relacionados ao topônimo;
- Foto da localidade pesquisada;
- Foto da placa da rua ou da avenida pesquisada;
- Sinal em Libras – imagem do sinal em Libras;
- Classificação Taxionômica para o topônimo em Libras;
- Estrutura morfológica do sinal toponímico – forma do sinal;
- Contexto – os aspectos motivacionais serão investigados através da inserção na comunidade surda;
- Fontes – materiais consultados que subsidiarão o preenchimento da ficha.

5. O ato de nomear espaços pelos surdos em Feira de Santana-BA

Levando em consideração que os estudos toponímicos da Língua Portuguesa, língua oficial dos brasileiros, mesmo já tendo iniciado há algumas décadas, ainda se encontra em processo de expansão, pode-se imaginar como é insipiente o estudo da toponímia no que concerne a Libras, visto que esta língua encontra-se em processo de padronização e que, até então, necessita de investigações linguísticas constantes.

Sobre esta questão, Souza Jr (2012) afirma que:

[...] do ponto de vista linguístico, a Língua de Sinais Brasileira é uma língua ainda em desenvolvimento, especialmente o léxico que recebe frequentemente neologismos na língua comum e na língua de especialidade, como é o caso dos nomes próprios. (SOUZA JR, 2012, p. 37)

Nesse sentido, percebe-se a importância de um estudo toponímico que auxilie a Comunidade Surda de Feira de Santana em seu desenvolvimento lexical. A averiguação dos sinais toponímicos do centro comercial da cidade torna-se relevante pelo fato de ainda não existir uma pesquisa que auxilie no entendimento da nomeação em Libras destes espaços geográficos, considerando os aspectos históricos da cultura local, assim

como pela carência de pesquisas que apresentem sinais em Libras equivalentes a ruas e avenidas da cidade.

Os surdos utilizam, geralmente, para situar-se a datilologia (soletração manual) em primeira instância e, logo após, baseiam-se em pontos de referência como estabelecimentos que já possuem um sinal específico. A título de exemplo, destaca-se que para reconhecer a Avenida Senhor dos Passos, os surdos referem-se às lojas C&A, Marisa ou à Igreja Senhor dos Passos; para a Rua Conselheiro Franco, usam o sinal de banco, visto que nesta rua encontram-se várias instituições financeiras; o sinal do Sistema de Atendimento ao Cliente (SAC) em substituição ao nome da Rua de Aurora, Rua Oi para a J. J. Seabra, entre outros.

Existem ruas que já possuem sinais estabelecidos pela comunidade surda. Alguns desses sinais eles utilizaram um empréstimo linguístico por inicialização. Para Ferreira (1995), empréstimos linguísticos por inicialização são aqueles sinais em que a configuração de mão é representada pela letra inicial correspondente à palavra em Língua Portuguesa, a exemplo dos sinais de J-J para a Rua José Joaquim Seabra e G-V para a Avenida Getúlio Vargas.

Pode-se perceber que o ato de nomear os espaços em língua de sinais pelos Sujeitos Surdos possui aspectos particulares. Dentro da cultura surda esse ato é chamado de “batismo” e geralmente acontece, a princípio, pelo uso da datilologia e posteriormente pela criação de um sinal que pode ser instituído de maneira espontânea pelos usuários surdos da Libras ou através da designação de um grupo de surdos politizados.

Diante deste contexto, faz-se necessário um levantamento para detectar os sinais usados pela comunidade surda e identificar os locais que ainda não possuem um léxico específico, evidenciando a necessidade de nomeação destes espaços.

6. *Considerações finais*

O presente artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa sobre os estudos toponímicos bilíngues Português-Libras do centro comercial da cidade de Feira de Santana-BA, que visa uma análise toponímica mais aprofundada, apresentando dados relevantes sobre a história e a cultura das línguas envolvidas. Inicialmente, já se conseguiu bases para

sustentar o aprofundamento da pesquisa e trazer resultados para as comunidades ouvintes e surda. A partir do levantamento do corpus, foi possível estabelecer o aporte teórico-metodológico que subsidiará a continuidade da pesquisa.

Identificar e iniciar a análise dos sinais toponímicos, juntamente com a pesquisa da sócio-história dos nomes das ruas desta localidade apresenta características relevantes, visto que se trata de um lugar de grande circulação e de utilidade para as pessoas surdas e ouvintes. Portanto, o entendimento do processo de nomeação pela comunidade surda apoiará o desenvolvimento do léxico dos surdos usuários de língua de sinais, facilitando o processo de localização geográfica, deixando um legado para gerações futuras, visto que a forma de nomeação é capaz de representar a história de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Liliane L. S. *Vocabulário de Eulálio Motta*. 360f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia). Salvador: UFBA, 2017.

BIDERMAN, Maria Tereza C. *Teoria linguística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: UFMS, 1998. p. 11-20

_____. A ciência da lexicografia. In: *Alfa*—Revista de Linguística. n. 28 (supl.). São Paulo: UNESP, 1984. p. 1-26

_____. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. V.02. São Paulo: T.A Queiroz/Edusp, 1981. p. 131-145.

BRASIL. Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – LIBRAS e dá outras providências. Brasília: MEC. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 31 maio 2017.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux: origine et evolution*. Paris: Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos.3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

FEIRA DE SANTANA. Lei Nº 3000/2009. Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras em locais de atendimento coletivo em Feira de Santana, e dá outras providências. In:*Leis Municipais*. Feira de Santana, 19 maio 2009.

_____. Lei n. 2608/2005. Cria cargos de intérpretes de libras – língua brasileira de sinais e dá outras providências. In:*Leis Municipais*. Feira de Santana, 29 ago. 2005.

_____. Lei n. 164/2005. Dispõe sobre a implantação e obrigatoriedade da Libras – língua brasileira de sinais – como língua oficial do município de Feira de Santana e dá outras providências. In:*Leis Municipais*. Feira de Santana, 1 fev. 2005.

FELIPE, Tanya Amaral. Os processos de formação de palavras em Libras. In:*ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

_____. Introdução à gramática da libras. In: FERREIRA, L. et al. *Língua brasileira de sinais*. V. III. Brasília: SEESP, 1997.

_____. Bilinguismo e surdez. In:*I CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, Anais..., 1983*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1983. p. 101-112.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval*. Dissertação de Mestrado (Universidade Estadual de Londrina). Londrina: UEL, 1998.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Um olho no professor surdo e o outro na caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais*. 2006. 221f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada (Universidade Estadual de Campinas).Campinas: Unicamp, 2006.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 95-187

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese de Doutorado (Universidade Estadual Paulista). São Paulo: Unesp, 1996.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. In: *SEMINÁRIO*, 14, 1997. Anais... Campinas, 1997.

NABAIS, Antonio J.C. Maia. *Toponímia e história: identidade e memória*. 2as Jornadas de Toponímia do Sul. Câmara Municipal de Albufeira. 28 de fev de 2008, p.5-8. Disponível em <http://toponimia.cm-albufeira.pt/documentos/actas>. Acessado em 28 de junho de 2018.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.

QUADROS, Ronice Muller de; KRNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SEABRA, Maria Cândida T. C.; ISQUERDO, Aparecida N. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 26, n. 3. Minas Gerais: UFMG, 2018. p. 993-1000

_____. ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: SIMPÓSIO NACIONAL, 11.2006/SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 2006. Anais... Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1945-1952

_____. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368f. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SKLIAR, C (Org.). *Atitudes da educação bilingue para surdos*. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOUSA, Alexandre Melo de. Metodologia para a pesquisa toponímica em Língua Brasileira de Sinais. In: SOUSA, A. M; GARCIA, R. SANTOS, T. C. (Orgs.). *Perspectivas para o ensino de línguas*. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2018, p. 5-16

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira*. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 80f. Dissertação de Mestrado em Linguística (Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília). Brasília: UnB, 2012.

STROBEL, K. L. *História da educação de surdos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

STROBEL, Karin. *As Imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

VILELA, Mário. *Definição nos dicionários de português, estrutura de explicação*. Porto: Asa, 1983.

_____. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94